



## "COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL  
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

### Falando de morrinha...

A poucas horas das eleições, o país respira política. Momento tenso e que nos remete a um episódio histórico, até para evidenciar o quão "a arte do impossível" é possível de promover o nefasto: o tiroteio de 1930, em Montes Claros.

A tragédia não escapou de chacotas, como veremos adiante. Afinal, habitamos o país da piada pronta, onde não é raro rir de desgraça alheia. Mas, pelo menos, deixemos o gracejo para o fim da leitura.

Há quem diga que o "Seis de fevereiro de 1930" teria sido estopim para a "revolução" que levaria Getúlio Vargas ao poder, depondo Washington Luiz. Outros apostam no assassinato de João Pessoa, no Recife. Incontestável é que aquele dia, em Montes Claros, foi terrível. O cidadão pulou da cama para uma passagem lutuosa, para testemunhar uma chacina da qual não escapou nem mesmo uma criança, o garoto Fifi.

Como registram os escritos, tudo começou quando o vice-presidente da República, Melo Viana, visitava a cidade em campanha política disfarçada de simpósio econômico. Procedentes da estação ferroviária, ele e seus apoiadores forjaram um trajeto diferente do previsto - que pretendia exatamente evitar o encontro dos rivais políticos; conservadores e liberais. Decidiram, como quem desafia, passar em frente à casa dos principais oponentes, João Alves e dona Tiburtina. O casal, naquele momento, dava uma festa, cercado de partidários. Muita gente armada, como quem está pronto para o revide.

Diante da residência, a turba do ilustre visitante desferiu impropérios aos adversários festeiros. Foi o bastante para iniciar o mortal tiroteio. Melo Viana fugiu do local em meio ao caos e tomou o trem de volta à capital - que não teve tempo sequer para manobras e deixou a cidade de marcha-a-ré.

Enquanto fugia com seus partidários, Melo Viana deixava para trás seis corpos estendidos, naquele cenário macabro, hoje praça João Alves, a "praça do Automóvel Clube". Entre eles, o do garoto Fifi. O derramamento de sangue estava consumado e Montes Claros passaria às manchetes nacionais.

Apesar do trágico que o episódio encerrava, as piadas logo prosperaram pela cidade. Algumas sobreviveram ao tempo.

Uma delas, contava que o político afamado, na fuga para a estação, correria para a rua Doutor Santos, cruzando a Praça Coronel Ribeiro e, esgueirando pelos muros da rua Bocaiuva, invadira uma residência, aos berros:

*- Socorro! Atiraram em mim!*

*- O senhor foi ferido? - perguntou, surpreso, o dono da casa.*

Melo Viana passou as mãos nos fundos das calças, levando-as, em ato contínuo, até o nariz.

*- Se sangue fede, meu prezado, fui!*

Que neste domingo, não ouçamos nem mesmo barulho de rojão que nos lembre o das carabinas papo-amarelo de 1930. E que os nossos narizes não respirem morrinha de político desesperado. No mais, vamos às urnas. Na paz...

(\* ) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



